

# Ensino de história em arquivos on-line

Adriana Carvalho Koyama\*

*The values of the new economy have become a reference point for how government thinks about dependence and self-management in health care and pensions, or again about the kind of skills the education system provides.*

Richard Sennett (2006)

Esta pesquisa vem se desenvolvendo desde 2008, inicialmente como dissertação de mestrado, e atualmente como um doutorado em Educação, na Universidade de Campinas, e propõe-se a analisar um conjunto de projetos de educação patrimonial em arquivos públicos, nacionais e internacionais, que utilizam a Internet em suas atividades educacionais. A partir das reflexões sobre educação patrimonial, memória e modernidade capitalista, colocadas em perspectiva pelo grupo de pesquisa liderado pela professora Maria Carolina Bovério Galzerani, este desenho inicial teve seus contornos teóricos delineados, e com o olhar voltado para estas questões me dediquei sobre a leitura de textos de arquivistas e de pesquisadores de ensino de história, em especial os que têm focalizado as relações entre arquivos e escolas, bem como sobre os poucos trabalhos que encontrei sobre atividades educativas colocadas on-line nos sites de arquivos.

Se a reflexão teórica é relativamente restrita, por outro lado, ao pesquisar os projetos de educação patrimonial on-line na Internet, encontrei alguns projetos bastante desenvolvidos. É o caso do projeto do NARA, *National Archives and Records Administration* dos Estados Unidos, e do site do *The National Archives*, inglês, sobre cujas experiências tenho me detido mais longamente, tanto pelo tempo de existência

---

\* Doutoranda, Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.

desses projetos, já considerável, como pela grande quantidade de material disponível on-line, e também por suscitarem importantes questões sobre tendências atuais de ensino de história, nacionais e internacionais, acerca das quais podemos refletir através de suas propostas.

Essas observações e reflexões são tão necessárias hoje quanto mais escolas públicas brasileiras vêm implantando programas de ensino com computadores, e colocando a alfabetização digital como um dos seus papéis. A demanda por conteúdos digitais vem se ampliando, e em seu interior as pressões para que os arquivos criem atividades e materiais educativos eletrônicos para o ensino de história, e publiquem essas atividades on-line na Internet. Essas demandas devem provavelmente crescer, tanto para os arquivos municipais, no interior da proposta curricular do ensino fundamental de ensino de história local, como nos arquivos regionais e mesmo no que se refere à documentação do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional.

A convergência de reflexões e projetos vindos dos professores-pesquisadores e das escolas, por um lado, e dos profissionais dos arquivos, por outro, parece ter criado uma dupla valorização do arquivo na educação nas últimas décadas. Vistas a partir das experiências de ação educativa dos arquivos, principalmente desde a década de 1980, as atividades educativas visam principalmente a valorização do patrimônio documental, e são pensadas como parte da chamada educação patrimonial. Simultaneamente, no interior das reflexões nascidas nas escolas, os arquivos são pensados mais fortemente como um espaço potencial de ensino de história. Essas duas visadas, se por um lado criam espaços de pensamento compartilhado, também trazem reflexões diversas, com seus próprios conceitos, preocupações e intenções. Esses vínculos de origem institucional, cultural, disciplinar e intelectual se expressam nas formas que os projetos estudados nessa pesquisa adquirem.

Ao percorrer a literatura escrita por arquivistas e arquivos sobre o tema e confrontá-la com os trabalhos de pesquisadores de ensino de história, observei que as convergências e as forças que têm modelado essas atividades vêm se construindo a partir de três eixos argumentativos: A preservação da memória, e a partir dela a necessidade de uma

educação patrimonial que valorize o patrimônio documental e sua preservação pelos arquivos; a educação histórica, que busca o ensino-aprendizagem de competências cognitivas e de pesquisa histórica através do uso de fontes documentais, a partir de experiências diversas que vêm se desenvolvendo especialmente desde a década de 1980; e finalmente a chamada educação tecnológica ou letramento digital, que quer trazer para o mundo da escola os computadores e a Internet, procurando formas de inserção institucional dos alunos na rede mundial, na perspectiva de democratização do acesso à informação para a cidadania na sociedade do conhecimento e tendo como quadro a globalização.

Estudando a literatura a respeito do tema e as ações educativas de arquivos on-line é bastante perceptível que os parâmetros curriculares formulados e implantados nos anos 90 na América e na Europa têm ganhado forte expressão nessa área em formação, direcionando a forma das propostas de ação nos arquivos e criando um campo comum de discursos e práticas entre arquivistas e pesquisadores de ensino de história \_cujas implicações são bastante importantes na definição do viés que as atividades educativas de alguns grandes arquivos vêm tomando e no campo teórico que aos poucos parece estar se delineando.

Vejo essas tendências como caminhos que potencialmente os arquivos brasileiros podem ser tentados a trilhar, pois assim como existem convergências entre anseios e projetos de escolas e arquivos, existem forças sociais e políticas que têm criado alguns recortes para as atividades de ensino que também convergem para esses formatos de projeto de ação educativa propostos pelo NARA e pelo *National Archives*. A sedução de um projeto bem desenvolvido, proposto a partir dos parâmetros curriculares nacionais, com os temas consagrados do currículo, com exercícios que se propõem a desenvolver habilidades para o trabalho na “sociedade do conhecimento” e para a “cidadania”, com documentos limpos, legíveis, “pret-a-porter”, e que nos franqueiam o universo da alta modernidade capitalista “globalizada”, pode ser muito tentadora.

Se a instrumentalização das atividades educativas pode ser a tônica de muitas dessas propostas, elas não se restringem a esse viés. As experiências de ensino de história em

arquivos on-line criam possibilidades de invenção de novos espaços educativos, ao buscar ressignificar, com as novas formas tecnológicas, nossa experiência de educação dos sentidos em suas relações com os documentos de arquivo. Essas ações educativas incorporam experiências reconhecíveis, advindas de nossas relações anteriores com as mídias da modernidade capitalista, em experiências que estão sendo reconfiguradas, seja pelas novas possibilidades trazidas pelas máquinas de tratamento da informação da informática, seja pela possibilidade facilitada de reprodução eletrônica de textos e imagens de documentos de arquivo e de sua publicação e circulação em rede, seja pela comunicação que a internet potencializa com os usuários dos arquivos, inclusive, recentemente, com a incorporação da comunicação online através das redes sociais.

Esse movimento de rede em configuração, que flagramos nas experiências de arquivos, me levou a buscar refletir com Milton Santos, quando ele nos chama atenção para um movimento em curso de “dissolução da metrópole”. Sua visão sobre as redes tecnológicas de comunicação, longe do ideal daqueles que projetam como essa expansão nos trará a todos, em cada nó dessa rede, em qualquer lugar do mundo, a “democracia” e a “inteligência coletiva”, nos alerta sobre como, na sociedade informacional, o tempo urbano da metrópole se alarga e se expande transnacionalmente. Segundo o pesquisador, sua força deriva do poder de controle, sobre a economia e o território, de atividades hegemônicas nela sediadas, capazes de manipulação da informação, fundamental para o exercício do processo produtivo, em suas diversas etapas. São as tensões sociais que regem os movimentos da rede, e não sua aparente leveza e fluidez. A ausência de obstáculos e a leveza é a aparência, a estética da rede, mas sua construção é cara e pesada, e imersa nas lutas sociais, que continuam feitas de dor e do drama, tanto quanto de sonho e desejo. Santos (2006:115) assim descreve essa rede:

*Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços, formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução. O casamento da técnica e da ciência, longamente preparado desde o século XVIII, veio reforçar a relação que desde então se esboçava entre ciência e produção. Em sua versão atual como tecnociência, está situada a*

*base material e ideológica em que se fundam o discurso e a prática da globalização.*

Ainda nesta direção de reflexão, Bauman (1999:9) ressalta a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão integrante dos processos de globalização, apontando sua preocupação com a ruptura de comunicação entre as elites extra-territoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais “localizada”. “Os centros de produção de significado e valor são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais\_ o que não se aplica, porém, à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido”.

A partir de uma realidade muito próxima a todos nós temos um ponto de observação importante: durante o tempo desse estudo, o governo do Estado de São Paulo implantou uma recente reforma do ensino fundamental e médio, cujos laços com as políticas públicas internacionais que enformam os projetos estudados nesse trabalho são bastante fortes. Vimos também o Arquivo do Estado de São Paulo ampliar sua área de ação institucional, suas instalações e quadro profissional, e começar a criar experiências educativas baseadas nessas políticas públicas \_nos nossos PCNs. Talvez um sinal das redes que essas forças formam, e de como suas fronteiras não são dadas nacionalmente.

Vimos como Milton Santos (1994:79) define a atualidade como o tempo da metrópole em dissolução: se a modernidade capitalista expandiu o tempo da metrópole para os seus territórios vizinhos, seu sonho de onipresença ganhou novos aliados nas comunicações da contemporaneidade, e a fluidez de seus espaços hoje tem simultaneidade e instantaneidade.

*As questões do centro-periferia, como precedentemente colocadas, e a das regiões polarizadas, ficam, assim, ultrapassadas. Hoje, a metrópole está presente em toda parte, no mesmo momento, instantaneamente. Antes a metrópole não apenas não chegava ao mesmo tempo a todos os lugares, como a descentralização era diacrônica: hoje a instantaneidade é socialmente sincrônica.*

Santos (1992:11) aponta a unicidade técnica e a fragmentação dos processos de produção como fundamentais para nosso tempo:

*Para a compreensão de um sem-número de realidades, e particularmente no que se refere ao espaço, o aparecimento de dois novos fenômenos constitui a base de explicação de sua nova realidade. De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica, isto é pelo fato de que em todos os lugares (Norte e Sul, Leste e Oeste) os conjuntos técnicos presentes são "grosso modo" os mesmos, apesar do grau diferente de complexidade; e a fragmentação do processo produtivo à escala internacional se realiza em função dessa mesma unicidade técnica.*

Outra questão importante, ligada a essa reflexão, é sobre o impacto que essas redes podem ter na configuração da noção de tempo histórico da história ensinada. Para Anthony Giddens, a historicidade radical associada à modernidade depende de modos de “inserção” no tempo e no espaço que não eram disponíveis para as civilizações precedentes. A “história”, como apropriação sistemática do passado para ajudar a modelar o futuro, recebeu um ímpeto fundamental na modernidade. Com a matematização do espaço e do tempo, o mapeamento geral do globo que hoje é dado como certo, o passado unitário é um passado mundial; tempo e espaço são recombinados para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência. Simultaneamente as relações sociais são deslocadas de contextos locais de interação e reestruturadas através de extensões indefinidas de tempo-espaço. É significativa a coincidência entre a aceleração desse processo, com o advento do neoliberalismo, e a expansão das culturas da memória e dos estudos e práticas políticas enraizadas nas cidades, no tempo e espaço local.

Vemos como as tecnologias estão fortemente presentes da estruturação dessas redes simbólicas. Nesse sentido podemos refletir com Maurice Tardif (2005:14), que insere a discussão das TICs em seu lugar socio-político, lembrando-nos que as tecnologias são construções que representam, através de mecanismos e recursos tangíveis, projetos humanos, práticos e simbólicos. E que, em certo sentido, são projeções simbólicas e

cognitivas tornadas reais, práxis concretizadas em um sistema de objetos materiais, funcionais e operacionais.

E porque elas derivam de pensamentos e práxis humanos, as tecnologias estão sempre inseridas em redes de trabalho, agrupamentos técnicos, sistemas de instrumentos e práticas. Então sua forma, estrutura, uso e função vêm desses projetos práticos e simbólicos, que elas continuam a carregar em seus diversos usos e funções. Em suas palavras, “as products of social and communicational praxis, ICTs are, from the onset, bearers of discourse”.

A unicidade da técnica construída na modernidade capitalista vem nos colocando desde a segunda metade do século XIX imagens da metrópole flagradas pelas máquinas, gráficas, fotográficas, cinematográficas, em papel, filme, e mais atualmente em bits na tela de nosso computador, em nossa casa, conforto de onde escrevo e acesso a imensa maioria dos textos desse diálogo, com passagens por coloridas imagens espalhadas pelas páginas da rede, nas quais vou deixando meus traços para a fome insaciável de registros do Google.

E claro, essa própria pesquisa sobre as atividades de arquivos on-line já nasceu como parte desse diálogo coletivo construído fragmentariamente na rede, possível pela unicidade técnica que me deu acesso on-line aos textos escritos por arquivistas e pesquisadores de ensino de história através das fronteiras nacionais, flagrando suas afinidades intelectuais e políticas, buscando dissonâncias e outras palavras em contraponto. Penso que sua colaboração vem pela necessidade de nos colocarmos nessa rede que está construindo projetos de futuro, de educação dos sentidos e de memória. E refletirmos sobre nosso papel e sobre o lugar que iremos assumir nessa construção, pois na ação das mídias, e por muitos dos projetos propostos às escolas, somos colocados como espectadores de narrativas históricas construídas sobre nosso passado.

Narrativas e imagens construídas com novas técnicas e estratégias, mas herdeiras de discursos já fixados em nossas sensibilidades por outros meios de reprodutibilidade técnica (Galzerani, 1998; Lopes, 2001): almanaques, jornais, romances impressos em

livros, fotografia, cinema, televisão... todos eles hoje com estatuto de documentos históricos, podem ser revistos on-line nos sites de suas instituições de custódia, os Arquivos. Nessa guerra de símbolos, a partir das reflexões sobre ensino e patrimônio, memória e modernidade, práticas culturais urbanas, educação das sensibilidades e produção de conhecimento histórico-educacional, procuro pensar em como se colocam as intervenções dos projetos de educação dos arquivos na batalha de percepções dos discursos sobre o passado, sobretudo em suas relações com os eixos reflexivos acima delineados.

A guarda pelos arquivos públicos dos documentos produzidos por instituições e pessoas, com a aplicação dos princípios de “respeito aos fundos”, de preservação de sua organicidade e caráter de conjunto, construído nas atividades cotidianas dessas instituições e pessoas, empresta a esses fundos documentais sua especificidade, em contraponto à forma de seleção e agrupamento intencional e descontextualizado das coleções de peças únicas monumentais, tão caras às sociedades históricas e aos colecionadores de relíquias do século XIX (Choay, 2001). Descontextualização e monumentalização que, no entanto, seguem renovadas nas exposições dos arquivos nos séculos XX e XXI, inclusive as colocadas on-line.

Essas ligações entre as coleções, e suas exposições, em que os documentos formam parte das narrativas, podem ser analisadas a partir de discussões museológicas contemporâneas sobre regimes de visualidade e educação do olhar. Paulo Knauss (2003) relaciona as práticas de colecionar com práticas de exposição, salientando que o colecionismo não é demarcado apenas por regimes de acumulação, ordenamento e guarda, mas, igualmente, por regimes de visualidade. Em sua reflexão sobre as coleções, ele coloca em questão os usos da imagem e as bases da educação do olhar. Podemos refletir com Knauss, a partir do nosso objeto de pesquisa: ao se recortarem os acervos dos arquivos e em suas seleções, estas se formam como coleções de imagens de documentos, e, no processo de se exporem nos museus virtuais, os registros custodiados pelos arquivos talvez se afirmem como documentos, e institucionalizem-se através da operação do olhar? Os “tesouros” dos arquivos nacionais, os “documentos da Nação”,

colocados on-line nos sites, organizam-se a partir dessa lógica das exposições, espetáculos da Nação.

Em busca de verbas que garantam a sobrevivência dos acervos, as exposições têm intenção de dar visibilidade ao patrimônio: em muitos dos escritos dos arquivistas estudados, a ampliação do espaço social dos arquivos é defendida como forma de “marketing” institucional, aproximação visível, em especial em muitos dos textos ingleses, americanos e canadenses. Ao se apropriarem dos discursos sobre a memória social que os arquivos guardam, essas ações de marketing também alimentam a fantasmagoria de que nos arquivos está guardada toda a história e a memória.

Como bem descreve Andréas Huyssen (2000) em *Seduzidos pela Memória*, vivemos o paradoxo de tudo destruir, de tornarmos obsoleto o próprio presente e de, ao mesmo tempo, buscarmos formas de documentar tudo, guardar tudo, preservar tudo, e nos voltarmos para imagens de um “passado”, de uma “memória” que chega quase até o presente. Segundo o autor, os objetos obsoletos de ontem são colecionáveis, há um *boom* de moda *retrô*, uma comercialização em massa da nostalgia, o crescimento de uma literatura memorialística, de “documentários” históricos e de eventos de comemoração do passado, como se o objetivo fosse conseguir a recordação total: a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta. Os arquivos vêm ganhando visibilidade social no rastro dessa expansão das culturas da memória, que vem se ampliando especialmente desde a década de 1980.

A hipótese de Huyssen é de que algumas das facetas desse processo precisam ser pensadas através de suas ligações com as mídias. A expansão dos registros sobre o passado, ampliada pela mídia, faz “a memória” ficar aparentemente cada dia mais disponível para nós, e a publicação de documentos *on-line*, e sua demanda, entram no circuito de produção e consumo da memória midiaticizada \_que cai em esquecimento rapidamente, também. Muitos arquivos têm participado, nessa “economia da memória”, como co-produtores, em parceria com os meios de comunicação, de imagens do passado, que circulam nas mídias como “memórias” para consumo. As demandas dos arquivos

por documentos digitalizados, hoje, vêm em parte dessa circulação midiática de imagens do passado para consumo e fruição.

Pierre Nora (2003:47-49) descreveu essa febre arquivística e sua visibilidade na mídia, ao mesmo tempo em que apontou também para o aparente paradoxo de que a pesquisa documental nos arquivos continua escassa. O tempo do arquivo e da pesquisa documental não é o mesmo tempo da “economia da memória” midiaticizada. Embora “a história” e “a memória” não se encontrem nos arquivos esperando para serem digitalizadas e entregues à fruição dos navegadores da rede, às vezes parece ser essa a imagem social que vem sendo criada em relação aos arquivos.

A demanda crescente pelo consumo do “passado guardado nos arquivos” parece se tornar imperativa, e parece ter aportado nos arquivos, atualizada em desejo de “tudo digitalizar”, de “tudo guardar” e de “tudo publicar *on-line*” e de “dar acesso” a “todo o passado”, sua “história” e “memória”. Mas como tudo nessa nova “economia da memória” passa rapidamente, e ameaça tornar-se obsoleto mal é criado, os arquivos precisam medir os esforços e planejar os passos para responder com sensatez e responsabilidade a essa exposição midiática e às suas demandas. Os arquivos são instituições organizadas para a longa duração, com seus corredores inóspitos e “*hors d’usage*”, com nos lembra Pierre Nora (2003:47-49). E dessa imagem de ligação com “o que dura” é que vem, talvez, sua atração, para quem se vê perdido nesse tempo que tudo consome.

## **Bibliografia**

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, Editora da. UNESP, 2001.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Ensino de História: saberes e poderes na contemporaneidade. Comunicação no Seminário nacional da ANPUH em 2008. São Paulo: mimeo.

\_\_\_\_\_. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna : Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Tese de doutoramento. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed Unesp, 1991.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela Memória. Arquitetura, Monumentos, Mídia**. RJ: Aeroplano, 2000.

KNAUSS, Paulo. História de coleção e história de exposição. **História representada: o dilema dos museus**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, v. 1, p. 127-134.

LOPES, Myriam Bahia. Names, places and history. Two projects on universal access of primary sources and brazilian historiography. *Comma International journal on archives*, v. 2008, p. 19-30, 2010. (versão traduzida pela autora, mimeo).

\_\_\_\_\_. **O Rio em Movimento. Quadros Médicos e(m) História**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

NORA, Pierre. Missions et enjeux des archives dans les sociétés contemporaines. *Comma*, 2003 2/3, p 47-49. Paris: International Council of Archives, 2003.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SENNETT, Richard. **The Culture of the New Capitalism**. New Haven: Yale University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Geografia, Território e Tecnologia**. São Paulo, Marco Zero, 1992.

TARDIF, Maurice. Communication Technology and Pedagogical Power, **Essays in Education**, v14, 2005, University Of South Carolina.

Disponível em: <http://www.usca.edu/essays/vol142005/tardif.pdf> . Acesso em 21/03/2011.